

Portugal de brandos costumes...

Entrevista António Loja Neves || Fotografia Alberto Frias

Estreou um filme de ficção de Sérgio Tréfaut, conhecido documentarista, com Maria de Medeiros e Isabel Ruth nos papéis principais. “Viagem a Portugal” foi ‘inventado’ a partir de relatos vívidos por emigrantes e seus parentes à entrada no nosso país: uma viagem inusitada a um mundo inesperado onde nem o que a ficção possa ter engendrado nos liberta de colocar uma questão terrível: onde fica o conceito de democracia, o respeito pelo ser humano e pelos seus direitos numa faixa cinzenta e sem controlo em cada aeroporto, onde se convencionaram as fronteiras? Nessa ‘terra de ninguém’, em território português sob controlo da nossa polícia de fronteiras, quem manda o quê, quem respeita quem? Nesta entrevista, o autor explica porque vale a pena questionarmo-nos: para agir.

Num país de forte história migrante, custa a acreditar que coisas assim se passem em pleno século XXI. Apesar disso, elas acontecem. A autoridade é capaz de fazer o que quiser, sem que alguém a fiscalize. E cometem-se, amiúde, enormes injustiças e ilegalidades sem que alguém possa reagir em favor das vítimas.

Qual foi a maior motivação, a história em si ou a construção de um ambiente *huis clos*? Este caso real comoveu-me muito e quando escrevi o guião havia três partes. Começava com este ambiente fechado, mas depois acompanhava a viagem de Maria, expulsa, passando pelos calabouços do aeroporto moscovita até regressar à Ucrânia natal, até se atrever a voltar a Portugal através da fronteira terrestre. Enfim, a verdadeira história da Tânia, que vive há mais de dez anos aqui, com o marido, que hoje é português! Não era nada este ambiente que agora tem, com a ação confinada a um espaço restrito. A dado momento senti que a força da história estava nesse *huis clos* e abandonei o que tinha rodado no exterior. Ele existe, mas acho que é sobretudo a partir da opção fotográfica, que é violenta.

Também é permitido pela forma resumida e restrita da narrativa. Gosto de coisas concisas e a estratégia narrativa foi eliminar o acessório. Não por



“O FILME É PROVOCADOR. SE CUMPRIR UMA FUNÇÃO EM PORTUGAL JÁ HÁ DE SER IMPORTANTE”

jump-cuts, mas por cortes brancos. Não são soluções de montagem, estavam previstos no argumento, bem como as repetições, que me são muito caras, permitindo o jogo de interpretação de Maria de Medeiros e de Isabel Ruth. Ambas as técnicas têm a capacidade de intensificar o confronto e distanciar o espectador de qualquer *pathos*.

Não se pretende a envolvimento emocional, sim a análise mais crua possível? Não há esse efeito habitual, não há catarse final. Pode ficar-se com vontade de mais, no final, mas trata-se de algo sem solução, os factos são aqueles e não há nada a fazer. Não se vai consolar o espectador mas confrontá-lo com aquela realidade. Pode viver com prazer aqueles momentos pela beleza da fotografia, pela riqueza das interpretações, por um certo delírio contido na trama, mas ninguém guia o espectador por um universo de consolo.

Há um lado experimental, dado pela fotografia, que me parece fulcral. Quase todo o filme tem por base da imagem o fundo branco. É raro. Num filme a preto e branco a tradição é ter

um p&b escuro. Aqui é branco! Desde o início tive a referência do fotógrafo Richard Avedon, expurgando a maioria dos acessórios. Quase só se veem as pessoas. Para além de me interessar uma forma pouco habitual, sem corresponder ao padrão de ficção comum hoje em dia. Não queria compor uma historiinha, o tema podia fazer-me cair no registo meloso da vítima e do carasco, eu queria algo de mais violento. Gosto de fazer coisas que choquem, que interfiram com os sentimentos do espectador, pelo lado plástico, formal e narrativo, mas igualmente pelo conteúdo. Sempre me concebi como alguém que faz coisas para que intervenham, com participação na sociedade.

Pretende-se a denúncia de algo que se passa sem o controlo da sociedade? É importante contar esta história. Desde que Portugal entrou para a União Europeia, assumiu uma postura de país de primeiro mundo — quando a realidade contemporânea mostra que longe está disso... — e os comportamentos aeroportuários são os desses países: a agressividade e a filtragem da

polícia, que expulsa liminarmente. “Viagem a Portugal” não conta um caso real isolado, há dez situações equivalentes àquela por dia, mais de três mil por ano! E pouco queremos saber. É por isso que o filme é acompanhado de indicadores da atividade policial de fronteira e criaram, com associações de apoio a emigrantes, uma plataforma para recolha de depoimentos? Queremos romper com um buraco negro na sociedade portuguesa. Quem é expulso acaba por desaparecer sem deixar testemunho. Resta um número estatístico global que nem justifica por que razão as pessoas foram expulsas. Quando se sabe as histórias, apercebemo-nos que a polícia beneficia do *no man’s land*, ninguém a fiscaliza nem quer saber como age. Chegam a processar documentos falsos para intimidar e levar à confissão de forma arditosa. A polícia faz um trabalho ingrato, e isso também o filme mostra, mas utiliza muitas vezes a má-fé e a mentira. A realidade é frequentemente pior do que aqui é representada. ▴

lneves@expresso.imprensa.pt



VIAGEM A PORTUGAL

de Sérgio Tréfaut (Portugal)
com Maria de Medeiros,
Isabel Ruth, Makena Diop
Drama M/12

ESTREIA Dois meses depois do documentário "A Cidade dos Mortos", eis que chega às salas a primeira ficção de Sérgio Tréfaut, que, mantendo-se fiel aos temas centrais do seu cinema (os movimentos migratórios, o desenraizamento geográfico e afetivo), tem aqui o mais arrojado dos seus trabalhos. No início, uma narração em *off* prepara a recriação (filmada num deslumbrante p&b) de uma história verdadeira: a de uma mulher ucraniana (brilhante Medeiros) que, chegada ao aeroporto de Faro para se juntar ao marido senegalês (Diop) em Lisboa, se viu impedida pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de entrar em Portugal. Nada de novo quanto ao 'quê' de uma obra que (de modo político) sempre procurou medir o ângulo de abertura do olhar do 'mesmo' sobre o 'outro'? Veja-se então como, para descrever o cativo da protagonista, Tréfaut lança mão de uma *mise en scène* que, privilegiando os planos fixos para sublinhar a imobilidade, justapõe por sistema, dentro de uma única sequência, os olhares da interrogada e dos interrogadores sobre uma mesma situação. Mais: condensando claustrofobicamente o tempo (a ação, organizada em blocos estanques de duração intervalados por fundidos a branco, decorre em 24 horas) e reduzindo ao mínimo as definições do espaço, o filme transforma o aeroporto num espaço prisional, num imenso fundo branco despido de referentes físicos, contra o qual o rosto da protagonista se vai desamparadamente recortando. Nada no trabalho anterior do cineasta nos preparara para proposta tão ambiciosa. E, não fossem certos laivos de maniqueísmo na construção das personagens e um pormenor inverosímil (não há jogos de futebol em Portugal no primeiro dia do ano), nada de negativo haveria a assinalar.

Vasco Baptista Marques